

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso)

Elogio Fúnebre do
Professor João Pedro Gardez

(Proferido em sessão do Instituto Histórico de Mato Grosso a
23 de Janeiro de 1927)

Cuiabá
Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso
Anno IX — Tomos XVII a XVIII
1927

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Mais uma vaga

Raro tem sido o anno, desde a fundação do Instituto, que no seu decurso não abra um claro em nossas fileiras. Em 1920 — primeiro anno de vida social — perdíamos o doutor Antonio Corrêa da Costa, figura de intellectual todo voltado para os estudos de historia e de quem muito o nosso sodalício tinha a esperar si tão cedo não o arrebatasse a morte; anno seguinte, 1921, dois confrades nos eram levados pela rondante eterna que vive a fazer-nos as suas dolorosas sortidas — o Arcebispo D. Carlos Luiz d'Amour, hierático vulto do episcopado e tradição de cultura e fidalguia, e Modesto de Mello, modesto que o era de facto e não só de nome, mas estudioso observador de nossas cousas e bom amigo de Matto-Grosso; em 1925 o General Caetano de Albuquerque, patrício digno pela illustração e probidade inatacável desertava também, improvisamente, seu posto no meio de nós, deixando-nos o vácuo de uma profunda e justíssima saudade...

1926, que ha pouco attingiu o seu termo, golpeou-nos logo de começo, no seu primeiro quartenio, a 3 de Abril, com a morte de João Pedro Gardez, sócio fundador do Instituto, a cuja memória me cabe render, de accordo com os nossos Estatutos, o preito sentido da nossa homenagem fraterna.

E o faço com indissimulável commoção pois que para mim, como para muitos de vós aqui presentes, Gardez foi mais do que o confrade venerando, pela idade e pela erudição, mais do que o amigo bemquerido pela affabi-

lidade e lhaneza de trato, — foi o mestre bondoso e dedicado, o professor illustrado e modesto, operário humilde que levou a sua pedra para a edificação da nossa cultura e em cujo nobre exemplo de assiduidade, correcção e dedicado ao ensino vimos o mais formoso paradigma do educador, a servir de espelho ás gerações que se lhe seguirem.

A sua lembrança merecerá para nós que o tivemos por mestre um culto sempre enternecido e a sua figura austera e simples se casará sempre em nosso espírito, á evocação inextinguível dos melhores dias da nossa vida, os dias distantes da adolescência feliz e descuidosa que abre, nos horizontes indecisos e nebulosos da existência, a álaçre madrugada do sonho e da esperança... Estou a vel-o e a ver-me, vai por mais de 20 annos, na sala de estudos do Collegio São Gonçalo, na aula de inglez, sentado na cathedra singela, a explicar-nos a arrevezada prosódia da língua britannica, com aquella sua eterna bonhomia, estereotypada no gesto typico de alisar as barbas e na interjectiva “ora, pois...” com que entremeava as suas explicações e passava de um a outro ponto da disciplina.

Tudo nelle era simplicidade, desatavio, despreocupação, desde o trage até andar, desde a postura até o gesto, desde a expressão da voz até a maneira de commentar os factos e desenvolver as licções.

Disse alguém que ávida do homem se resume em poucas, quatro ou cinco impressões fortes da adolescência, que se vão repetindo pela vida afora. Bem posso affirmar a exactidão desse conceito. Em Gardez fixou-se-me o “typo” do Professor, do didacta escrupuloso, do fiel cumpridor dos seus deveres e, pelo decurso dos annos, não me é possível evocar sob outro aspecto a figura do velho mestre que se me não depare ante a visualidade mental o querido e saudoso Professor que soube, co a sua proverbial paciência e habilidade, re-

conciliar-me com o áspero idioma saxão que ainda hoje se me apresenta aos olhos d'alma menos no fulgor das estrophes de Byron ou na mordacidade irônica de Swit que na linguagem singela e correntia do velho francez que mó ensinou a conhecer e amar.

A flor da vida

Digamos-lhe da vida, em ligeiro transumpto biográphico, da vida silenciosa e apagada, pois Gardez jamais se preocupou com o lado externo das cousas e foi daquelles a quem bem se applica o verso com que Machado de Assis celebrou o gênio de Spinosa:

“ . . . grave e solitário.
Sob o fumo de esquálida candeia.
Nas mãos a ferramenta de operário,
E na cabeça a coruscante idéia.”

Gardez viveu da vida interior que é, ainda hoje, em pleno século do tumulto e da febricitante actividade, a verdadeira vida, digna de ser vivida.

No seu grave semblante, no seu diapasão grave da falla, no conceito seguro e, ao mesmo tempo, lento ao exprimir-se, elle realizava á perfeição o typo do homem que vive dentro de uma idéa e por elle se deixa conduzir... Havia em todo elle a expressão serena de um sábio vestida da apparencia fria e rude de um philosopho estóico. E ao encaral-o sempre me vinha a idéa a influencia que em todo o seu ser exerceria uma profunda e remota ancestralidade de camponeses e trabalhadores daquella formosa e velhíssima gleba do Languedoc que o viu nascer.

Oh ! como se me radica no espírito cada vez mais, através dos estudos e da observação dos annos que passam esta simples verdade que synthetisa toda a theoria

da evolução physica e psychica da humanidade: — o homem é o producto de innumeradas gerações que o precederam, a resultante do passado ancestral a que se liga pela lei da casualidade, como, pela mesma lei, se liga ao futuro, desdobrando-se na sua descendência ! Gardez nasceu na pequenina aldeia de Lausonne, tão que a não registam os Atlas, perto de Le Puy, no departamento do Alto-Loire, pertence á antiga província do Languedoc, a que Michelet consagra as mais bellas páginas do “Notre France”, evocando-lhe o prestigio do passado distante que se vai entroncar nos Romanos e nos Iberos.

É ali onde se vêem ruínas sobre ruínas, formando por assim dizer verdadeiras camadas históricas e estratificações de organismos sociaes fossilizados, nessa terra de poesia e de sonho, a extravasar-se nos *felibres* dos trovadores, dos poetas dos jogos floraes que vêm desde Guy de Fibrac e Jacques de Romieu ao cantor extraordinário da *Mireille*; ali onde os “*camisards* de Luis XIV se sobrepõe aos albigenses de Simão de Monfort, os saracenos aos godos, estes aos romanos e iberos” e onde parece pairar o vago perfume orientalista das Cruzadas; ali, no coração heróico da velha França meridional, junto quasi á muralha granítica dos Cevennes, perto da lendária Bourges, que, a 31 de Agosto de 1844, nasceu João Pedro Gardez, filho legitimo de João Cláudio Gardez e Joanna Maria Savin, filhos aquelle de Joanna Maria Bation esta de João Pedro Savin.

Eram seus pais gente pobre, mas honesta, religiosa e estimada, como testificou, a 16 de Outubro de 1863, o cura Bonneton, em documento que existe no cartório ecclesiástico, annexo aos autos de justificação de estado livre feita em 1882.

Alem dos attestados, consta do mesmo processo uma carta do referido cura de Lausonne, datada de 11 de Junho de 1874, na qual se faz referencia ás duas

Elogio Fúnebre do Professor João Pedro Gardez

irmans de Gardez, Melania e Rosina e a um cunhado André Pedro. De sua vida anterior á partida para a América pouco se pode saber, sinão o que nos relata o mesmo Bonneton, cujo testemunho me permitto invocar a cada passo, pois sobre a sua fidelidade, por ser o único que de sciencia própria, como co-aldeão do nosso consocio, pôde esclarecer-nos tal phase da sua vida, ha ainda na própria singelesa e segurança das informações a melhor credencial a nos convencer da sua veracidade.

Ouçamos o velho parcho, em cuja graphia se revela o rústico e em cuja linguagem se evidencia o homem simples e verdadeiro: “Eu, abaixo assignado, cura de Lausanne, freguezia do Mosteiro (Monastier), Alto-Loire, certifico que João Pedro Gardez sempre foi, antes de partir para a América, de boa vida e bons costumes, duma conducta regular e exemplar, que cumpria todos os deveres religiosos e se approximava mesmo freqüentemente dos Sacramentos, que o mesmo partiu para a América unicamente porque o quis e pertence a família honesta, religiosa e estimada e goza na sua terra de geral estima e si a ella voltar será recebido de braços abertos pelos seus pais e todos os que o conhecem”.

Expressiva a mais não poder, essa declaração ingênua e tocante do velho sacerdote illustra ao vivo os antecedentes familiares e a primeira phase da vida de Gardez.

Ali se nos depara o ambiente do lar, aromado pela virtude e santificado pelo labor, na pequenina aldeã de Lausanne, nessa athmosfera meio rústica defrontando a serra e a floresta, *habitat* de camponeses puros e honrados, zona onde, ao contacto sadio da natureza, se conservam intactas as virtudes da raça e se apuram, no cadinho das adversidades, as qualidades nobres do individuo.

JOSÉ DE MESQUITA

Nunca mais voltou Gardez á sua terra natal, não realizou a previsão do velho cura, pois que elegeu por sua outra terra, a da sua esposa e dos seus filhos, a terra cuyabana a que deu a flor de sua vida, e que hoje se ufana em guardar em seu seio generoso os seus despojos queridos...

Boa e amorável terra cuyabana, que ainda elle conheceu na virgindade meio rústica de sua belleza primitiva, quando aqui aportou pela primeira vez, a 26 de Julho de 1871, e que decerto lhe trouxe viva recordação de sua aldeia natal, pela similitude de certos hábitos, pela rusticidade singela do meio, pela bondade acolhedora dos habitantes... boa e amorável terra cuyabana, tu que és mãe até para os extranhos, foste para Gardez a segunda pátria, a pátria eleita, a pátria do coração e da intelligência, que, com tanto carinho o acolheste e o prendeste durante cinqüenta e cinco annos, que, porcerto, lhe encheste a vida, o pensamento, o affecto, deixando bem pouco lugar para a outra, a pátria de nascimento... Tem o amor desses mysterios e desses egoísmos: a esposa, a escolhida na maturidade, não absorve toda a vida do homem, não lhe empolga a actividade, o affecto e a ternura, mau grado o amor, que sempre, no fundo, subsiste pelo lar antigo, o ninho paterno abençoado ?...

O cientista

Aqui tenho sobre a minha secretária, ao traçar estas linhas, o venerando pergaminho datado de 22 de Setembro de 1869, no qual o Ministro secretário da Instrução Publica, em nome do Imperador Napoleão III, concede ao Sr. João Pedro Gardez o diploma de Bacharel em Letras pela Faculdade de Letras da Academia de Grenoble.

Elogio Fúnebre do Professor João Pedro Gardez

Dae que transcreva em nossa língua, integrando-o ao elogio fúnebre do nosso saudoso confrade, esse valioso titulo de sua nobiliarchia mental, que, conservado religiosamente pela família, faz hoje parte do archivo do Instituto, graças a gentil offerta feita por intermédio do nosso prezado consocio Estevão de Mendonça:

“Império Francez — Diploma de Bacharel em Letras — Em nome do Imperador — O Ministro Secretário de Estado do Departamento da Instrucção Pública — Visto o certificado de habilitação ao grau de Bacharel em letras concedido a 7 de Agosto de 1869 pelos Professores da Faculdade de Letras de Grenoble, Academia de Grenoble, ao Snr. Gardez, João Pedro, nascido em Lausonne, departamento do Alto Loire, a 30 de Agosto de 1844 — (*) Vista a approvação dada a esse certificado pelo Reitor da dita Academia — ratificando o sobredito certificado — Dá, pelas presentes, ao dito Snr. Gardez o diploma de Bacharel em letras para gozal-o com o direito e prerogativas que lhe são inherentes pelas leis, decretos e regulamentos.

Feito em Paris, com sello do Ministério da Instrucção Pública, aos 22 de Setembro de 1869.”

Seguem-se as assignaturas, algumas das quaes já illegiveis, como a do Ministro.

O Professor

Munido de seu diploma de bacharel, sentiu o moço Gardez abrirem-se-lhe mais largos horizontes e, sonho heróico das aventuras, o mesmo sonho que impellia para o Oriente os seus antepassados das hostes da Cruzada, eil-o, abrindo o vôo em largo remigio, oceano em fóra, rumo da América, que sempre fascinou, nos seus ideaes de liberdade, os filhos da generosa França. Não foi, porem, o Brasil o primeiro paiz escolhido pelo joven

(*) 31, de accordo com a Justif.

JOSÉ DE MESQUITA

francez, e sim a nossa vizinha Argentina, em cuja formosa capital, Buenos-Aires, permaneceu cerca de 15 mezes, sem que, todavia, lograsse adaptar-se. dali fez-se rumo desta então Província, aportando a Cuyabá onde deveria viver mais de meia centúria de annos, compartilhando sempre de nossas alegrias e de nossas adversidades. É elle mesmo quem nol-o conta, na petição em que requerida se lhe justificasse o estado livre para poder casar-se com a cuyabana Anna Edwiges de Moraes Carvalho, filha legitima de Joaquim José de Carvalho e Joanna Pereira de Moraes Carvalho:

“... tendo sahido do seu paiz natal na idade de 25 annos, foi para Buenos Aires, onde se demorou por espaço de 15 mezes. Seguindo logo para esta Província, chegou aqui a 27 de Julho de 1871...” O seu casamento data de 1882. Dahi por diante póde se consideral-o radicado de vez á terra cuyabana, cujo extraordinário poder de seducção e absorpção se exerce sobretudo através dos laços affectivos urdidos na teia dos Penélopes patricias.

Facto curioso e digno de registo é esse da imantação exercida pela mulher mesmo no espírito dos mais retractarios a vida calma do lar: — tenho visto casos verdadeiramente sorprendentes de homens extranhos a todo e qualquer jugo se deixarem enredar na trama luminosa e casta dos olhares das mais ingênuas creaturas... Gardez estava preso e dahi por diante a terra da esposa, dos filhos, dos nettos seria *a sua terra*. E foi. Ascendendo de chacareiro do Dr. Murтинho, — primeira função que exerceu em Cuyabá — a oleiro, trabalho que já lhe permittia certa independência no exercitar a sua actividade, fez-se, ao depois, ajudante de botica, servindo algum tempo na pharmacia de Joaquim Alves Ferreira, como manipulador.

Ao seu espírito, porem, não lhe aprazia essa vida toda materialisada dos serviços manuaes. Pezar de não os haver jamais abandonado, pois que sempre lhe entre-

tiveram os ócios do magistério, chegando a fazer papel de operário constructor das suas próprias casas, Gardez sentia que para al havia nascido. A sua vocação era indiscutivelmente, o magistério. Para Buenos Aires viera contractado como professor de um collegio que se fechara devido a um surto epidêmico. É o nosso confrade Cesário Prado que o relata, em uma de suas bellas chronicas, consagrada á evocação do “nosso velho Professor” e publicada na “A Cruz” de 29 de Novembro de 1925. A variante que o adverso das circumstancias lhe traçara na vida, propellindo-o a outros misteres, tinha que o repor em breve na estrada real abandonada. Era uma digressão apenas. Com pouco vel-o-eis de novo integrado no que, de facto, e acima de tudo, constituía *leit-motif* do seu viver. Primeiro como Professor particular e, depois, público, Gardez perlustra longos annos o magistério em Cuyabá: começou por leccionar o curso primário na Companhia de Menores do Arsenal de Guerra, occupando depois as cathedras mais diversas no Lyceu Cuyabano e Salesiano, sendo as suas disciplinas predilectas o Inglez e a História Natural.

Foi também Agrimensor e muito competente, tendo exercido, algum tempo, o cargo de Engenheiro Municipal.

Paixão dominante

Todo homem—homem, todo homem verdadeiramente digno desse nome, tem uma paixão culminante na vida, um ideal que lhe polariza a actividade, um sonho que lhe nordea a volição: para uns é a gloria militar e chamam-se César ou Napoleão, para outros a política, e chamam-se Thiers ou Pitt, para outros as letras e chamam-se Herculano ou Flaubert, para outros, a humanidade, a philantropia e chamam-se Vicente de Paula ou Augusto Comte, para outros a mulher e cha-

mam-se D. Juan Tenório ou Casanova, para outros, finalmente, Deus, e chamam-se Luiz Gonzaga ou Ignácio de Loyola.

Pedro Gardez teve a sua existência dominada por um ideal, nordeada por uma preocupação sobrepujante a todas as demais: o ensino.

Era em tudo e acima de tudo o professor. Conversando dava o ar de preleccionar, tão seguro lhe andava o critério e firme a exposição nas matérias mais simples e triviaes.

Na cathedra, entretanto, parecia entreter uma palestra, tal a naturalidade que imprimia ao tom de voz de suas explicações mais complexas. Desconhecia a affectação, a postura estudada, aquillo que nós chamamos francamente de *pose* e que não sei como melhor qualificar sinão por attitude fictícia, mascara de quem não sabe ter uma phisionomia real.

Ensinava — e nisso o grande segredo do verdadeiro didacta — persuadindo.

Não tinha — e bem o podia ter — o ar autoritário de quem profere dogmas scientificos. Fazia calar a verdade no espírito pela convicção e não pela autoridade — *autoritate rationis* e não *ratione autoritatis*.

O “ora pois” que se lhe tornara cacoete e com que acolchetava os seus períodos era bem a conclusão de um syllogismo que sempre lhe trabalhava a mente. Era lógico e seguro em suas affirmações. É verdade que a lógica hoje tem perdido muito a sua importância na pauta da sciencia e valores sociaes. Relegada a um amplo secundário, há quem pense até excluil-a dos programmas officiaes por sciencia prescindível ao manejo da vida, quando não mesmo compromettedora. Gardez foi um lógico, e, como tal, um excêntrico na época que atravessamos. Orientou a sua vida por um ideal — a instrucção. Velho, doente, alquebrado, era de vêl-o, já aposentado, exercer a funcção gratuita de Ins-

Elogio Fúnebre do Professor João Pedro Gardez

pector Escolar da povoação do Coxipó da Ponte, rompendo a pé, apoiado na tosca bengala de madeira, a distancia de 6 kilometros que separa a Capital daquella povoação... Porque elle, de facto, exercia as funcções que lhe commettiam.

Depois de ter sido professor cathedratico de grego no Lyceu Cuyabano, o professor de inglez e historia natural do Lyceu Salesiano, nos áureos tempos da equiparação, leccionando num e noutro estabelecimento as disciplinas mais diversas, á mercê das vacâncias eventuaes das cadeiras, occupou ainda Gardez, interinamente, o cargo de Director da Instrucção Pública e do Lyceo Cuyabano. Coube-lhe ainda — e foi este o único cargo que occupou fóra do departamento de Instrucção Estadual — dirigir por primeiro a Escola de Aprendizizes Artífices, ainda uma casa de ensino e educação. Lá estivemos, bempouco antes de sua morte, numa festa de distribuição de prêmios e o velho amigo evocava ainda, com saudade, a phase inicial, o período difficil da installação em que lhe coube dirigir a Escola.

Fez pouco, dirão observadores superficiaes da vida de Gardez, aquelles que exigem a obra escripta ou materializada para aferir o esforço de um individuo através della ! Fez muito, dirão os que, num lance mais largo de visão, se capacitam de que a obra prima do homem é a sua vida, o seu exemplo moral, o seu ensinamento. Homens há que não deixam um livro e são mais úteis á humanidade que plureditos auctores de frioleiras que recheam as estantes dos livreiros.

Christo, o Homem-Deus, nunca escreveu uma linha sequer: a sua doutrina sublime compendiaram-n'a os seus discípulos nos Evangelhos, através de que elle fez e disse.

Sócrates, a encarnação da philosophia mais elevada da humanidade pré-christan, não deixou uma obra e só nos é conhecida a sua idéa pelos escriptos de Xeno-

JOSÉ DE MESQUITA

phonte e pelos livros de Platão, o seu discípulo dilecto. A obra prima do homem nunca se escreve, de resto: vive-se. Gardez, professando durante tantos annos, deixou, no cultivo da intelligencia, no arroteio dos cérebros, na lavra e mondadura de caracteres, na seara miraculosa do ensino, obra magna e efficiente, trabalho mais valioso á collectividade do que si, porventura, nos houvera legado uma dezena de volumes...

Aspectos do homem

No visionar-lhe os aspectos do temperamento ressaltam logo, como arestas mais perceptíveis, certas qualidades que se poderiam resumir em duas — a franqueza e a pontualidade. Columnas, mestras da sua construção mental, a franqueza e a pontualidade lhe eram innatas, e não há imaginal-o sem taes attributos que lhe compunham por assim dizer a personalidade psychica. Franqueza algo rude, sem ambages, sem tinos que, no fundo, são hypocrisias, sem rodeios que valem por vaniloquios execráveis. Pontualidade exacta, si se póde dizer assim, sem redundância de conceitos, visto que nós outros nos affazemos de tal sorte á impontualidade que creamos até essa noção paradoxal da pontualidade relativa e da meia hora de tolerância... Pontualidade envolve rigorosa idea que exclue relatividade, e era assim que entendia Gardez. Jamais seria o nosso saudoso confrade capaz de interpretar 10 horas em ponto de outra forma que não fosse 9 horas e 60 minutos... E a pontualidade é quasi uma virtude theologal, posto se lhe não haja incluído o nome no cadastro das virtudes, pois Deus é a pontualidade suprema e não falha jamais nos seus desígnios. A pontualidade é o relógio do character. Ella permite aferir da exacção do dever, da comprehensão nítida da disciplina, da submissão do factor-vontade ao factor-tempo, que não está nas nos-

sas mãos ... A pontualidade é o segredo do êxito, a alma do methodo, o factor do triumpho, a garantia do credito, a linha reta da honra, o índice do character e até, si quizerdes, o espelho do amor, que, quando verdadeiro, soe sempre pontual... Não estou aqui a fazer o elogio de tão preciosa virtude, para inculcar-vos apenas que a deveremos possuir... Meu fito é tão somente fazer ver que, sendo pontual, Gardez era virtuoso. A sua pontualidade era bem o reflexo de uma consciência serena, illuminada pela noção clara do dever...

A chronica viva

Gardez era a chronica viva do nosso passado, que elle conhecia mais e melhor do que muita gente aqui nascida, criada e vivida. A sua memória era, por vezes, pasmosa no conversar factos, datas e impressões de pessoas. Os acontecimentos nitidizavam-se ao gravarem-se-lhe na placa sensível do cérebro e elle os reproduzia fielmente, com farta profusão de pormenores. A precisão a que o habituara o estudo das sciencias mathematicas revelava-se nas suas narrativas, vincadas de uma força convincente e de uma autorizada credibilidade. Há quem passe pela vida como um hospede que do seu quarto de hotel não leva outra impressão que a do itinerante fugidio — poderá mais tarde dizer que o seu commodo tinha quatro paredes e uma porta de entrada... Outros levam na retentiva mental, ao vivo, até as minúcias do piso, as falhas do tecto, os defeitos do muro, a çor da tapeçaria, o tamanho dos quadros, o rendilhado das cortinas... São aquelles os felizes, talvez, os despreoccupados, os flanadores... Entanto mais apraz ser destes, dos que olham, observam e guardam. Levam comsigo um pouco de tudo o que viram: fica, por outro lado, um pouco delles por onde andaram... Gardez pertencia a esta categoria. Era um vasto re-

positório de impressões, um archivo de factos, uma galeria de nomes, uma collectanea de datas. Conversar com elle era viver o passado. Evocar é ainda e será sempre o melhor prazer da vida. Reviver o que foi, penso eu pelo menos, será sempre mais agradável do que anteviver o que será...

Dado que pudéssemos prelibar o futuro, eu, ainda assim, pretendia o gosto de repassar o passado, na moenda melancólica e gemedora da saudade...

Por isso é que me apraz a conversa dos antigos, dos que, como Gardez, no seu longo perfil meio semítico, na sua barba veneranda, no seu todo austero, possuem algo dessa nobre ancestralidade que tanto me falla ao espírito — uma espécie assim de velho patriarcha bíblico ou rhapsodo hellenico a recontar, ao som do psalterio ou Lyra, os velhos episódios que fazem a Historia verdadeira, tão diferente da que se escreve e se ensina nas páginas estylizadas e muitas vezes mentirosas dos compêndios...

O contributo estrangeiro

No perscrutar a influencia do contributo estrangeiro para a nossa evolução, ressaltam logo, desde o período colonial, nomes dos mais illustres entre os filhos da gloriosa terra de França. Os nomes de um Baurepaire, de um Agassis, de um Saint Hilaire, de um d'Orbigny, de um Castelnau, de um Taunay e d'Alincourt, — posto que este ultimo só de origem franceza — estão ligados á nossa Historia e são familiares aos que se dão ao deletreio de nossas chronicas. Não há negar, porem, que essa brilhante cordilheira de nomes culmina nos dois vultos mais representativos que nos deu a França — essa generosa França que, no dizer de um dos seus escriptores, tem vivido mais para a Humanidade do

que para si mesma: Augusto Leverger, o marinheiro bretão e João Pedro Gardez, o bacharel e humanista do Alto-Loire. No enunciar-lhes a procedência, quasi lhes traço a caracterização psychica e a differencial dos espíritos. Um filho da lendária Bretanha, embalado desde a infância pelo marulho nostálgico das vagas atlânticas, era bem o arrojado homem do mar, o luctador, o espírito ávido de aventureiros sonhos de gloria, o homem acção, o estadista, o valoroso cabo de guerra que os annos converteriam em estudioso, em um homem de gabinete... Outro, vindo á luz na região mysteriosa das nascentes do Loire, no recesso da França, zona selvática e rude, que a serra de Cevennes fecha hostilmente como uma barreira, deveria ser o espírito perquiridor e attento ao estudo da Natureza, o homem da observação acurada e do abnegado amor á Sciencia, despendido do lado externo da vida e todo entregue á tarefa a que se consagrou de aprender e ensinar... Contrastes não havia, entretanto, nem antitheses, entre esses dois bellos espíritos. Dissemelhanças, sim, e profundas, que vinham da sua ancestralidade e do seu modo de educação. No fundo, uniam-nos e approximavam-nos as qualidades visceraes da bella raça a que pertenciam ambos, e que são o amor á humanidade, a vaga religiosidade atávica, a dedicação ao estudo e o belo, o superior devotamento ás causas nobres e grandes.

Gardez foi, entre nós, algum tempo, político. Pertenceu á Constituinte de 1891. Ocupou cargos de eleição.

Mas cedo, ou porque o desilludisse a política, ou porque se não sentisse feito para ella, desquitou-se de tão absorvente convívio. Como Melgaço seu patrício e amigo, bem poderia dizer a phrase que se lhe attribue e que annos depois foi repetida pelo nosso saudoso confrade Caetano de Albuquerque — “Ou eu não sirvo para a política ou ella é que me não serve”.

Conclusão

A moléstia insidiosa a que deveria succumbir vinha de há tempos lhe carcomendo, como fibroma invisível mas tenaz, o cerne das energias physicas.

Em Março do anno passado acamou-se. Ainda assim se lhe não exgotara a confiança e o ardor do trabalho. A 23 desse mez ainda requeria prorrogação de prazo para fazer uma medição para qual fora designado.

Van esperança, entanto, era essa de restabelecer-se e ainda poder trabalhar ! Exgottaram-se-lhe as forças no largo e porfiado viver e o seu organismo, posto robusto, já dera, em 81 annos, toda a seiva e vitalidade que continha.

A 3 de Abril succumbia o luctador, serenamente confortado pelo viatico da Religião que lhe embalou o berço e orvalhou de preces e lagrimas a sua infância e a sua velhice... Gardez desapareceu. Mas Gardez continua a viver. Vive na paz elysea do alem-morte que as almas boas desfructarão eternamente; vive no culto subjectivo dos seus queridos; vive na memória grata dos que lhe aprenderam as lições; vive, sobretudo, na nossa immensa saudade, que hoje o homenagea e lhe evoca pela minha palavra obscura mas sincera a existência toda consagrado ao estudo e ao ensino. E viverá sempre, na lembrança das pósgerações, dos que nos succederem aqui, filhos da carne ou do espírito, continuadores de nossa obra, zeladores do patrimônio intellectual de nossa terra, cultuadores das memórias sagradas que nós cultuamos.

O culto dos antepassados é, como queria Littré, a base de toda Religião e é também o alicerce de todo o Progresso, pois é uma illusão suppor-se possível futuro feliz sem conhecimento do passado, como não há ahi

Elogio Fúnebre do Professor João Pedro Gardez

imaginar aurora sem noite e primavera radiosa sem inverno que a anteceda...

E através dos tempos, annos longos a fio, Gardez será sempre o paradigma da dedicação ao ensino, da abnegada e humilde tarefa do educador, tão desconhecida e olvidada pela frivolidade contemporânea, mais inclinada a admirar as lantejoulas da phantasia que o bom ouro de lei, discreto e valioso...

A sua vida obscura será o padrão pelo qual se aferirão outras vidas de professores, como elle empenhados em transmittir a outrem o legado do saber, e o seu exemplo luminoso avultará, nas qualidades que lhe exornaram o character, dando-lhe assim a feição do homem-representativo de Emerson ou do homem-heróe de Carlyle, — um homem symbolo do amor quasi mystico, quasi platônico a essa deusa incruenta e benéfica que os antigos denominam Pallas Athenéa ou Minerva e que nós hoje reverenciamos sob o nome de Instrucção, Sciencia, Sabedoria... E ora que elle já não vive na materialidade illusória dos seres, ora que a matéria que compunha o seu *eu* physico, desaggregada, dorme o somno tranquillo do *não ser* no alta da Piedade — tão longe do cemiteriosinho de Lausanne que lhe desejaria possuir os ossos, que a sua alma, a emanação fluídica do seu ser paira no Empyrio dos justos, e de lá nos contempla e abençoa, façamos por que as homenagens que lhe tributamos não consistam apenas nas palavras vans que o vento leva, mas sim no culto immarcessível que erige o seu exemplo em padrão aos porvindouros.

E assim fazendo, certo, mais nos dignificaremos a nós mesmos do que a elle, que de taes manifestações já não precisa, tendo, como deve ter, a suprema gloria que Deus ourtorga ás almas justas que passaram pela vida fazendo o Bem aos seus semelhantes.